

DESCOLONIZANDO AFETOS: COLONIALIDADE E MAL-ESTAR NA CONTEMPORANEIDADE

Giovana Smolski Driemeier¹

Letiane Peccin Ristow²

Micheli dos Santos Waldow³

Sandra Vidal Nogueira⁴

Palavras-chave: Decolonialidade; Laço Social; Afetos; Mal-estar; Sociedade.

INTRODUÇÃO

A modernidade trouxe consigo as promessas de autonomia, liberdade e felicidade afetiva e com isso, atualmente é perceptível que novas formas de sociabilidade, em perspectiva plural, foram e ainda estão emergindo. Contudo, elas implicaram em crescimento das desigualdades sociais entre os sujeitos, em avanço das relações de opressão e subserviência, entre grupos e coletivos e também, em experiências recorrentes de solidão, descartabilidade e dificuldade de sustentar laços.

O advento desse contexto tem impulsionado a manifestação de um tipo de subjetividade individual e singular da humanidade, intensamente marcada pela precariedade dos vínculos interpessoais. Decorre disso a presença de um tipo de sofrimento de ordem psíquica que se intensifica a medida que os vínculos se tornam mais frágeis, instáveis e exaustivos e que o sujeito fica cada vez mais distante de si mesmo e dos outros (Dunker, 2015)

A observância desse cenário produz um campo fértil que convida a deslocar a compreensão dos afetos como sendo experiências unicamente privadas, para

¹ Doutoranda e mestre Desenvolvimento e Políticas Públicas (DPP) pelo PPGDPP na UFFS. Especialista em Psicanálise Infantil pela FAAL. Bacharel em Psicologia pela UNIUI. Bolsista DS/CAPES. Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS. E-mail: giovana.driemeier@estudante.uffs.edu.br.

² Doutoranda e Mestre em Desenvolvimento e Políticas Públicas pelo PPGDPP da UFFS. Especialista em Desenvolvimento Rural Sustentável e Agricultura Familiar pela UFFS. Bacharel em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial pela UERGS. Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS. E-mail: letiane.peccin@estudante.uffs.edu.br.

³ Doutoranda e Mestre em Desenvolvimento e Políticas Públicas pelo PPGDPP da UFFS. Especialista em Administração Estratégica pela UNIASSELVI. Bacharel em Administração pela URI. Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS. E-mail: micheli.santos@estudante.uffs.edu.br.

⁴ Doutora e Mestre em Educação Supervisão e Currículo pela PUC/SP. Pós-Doutora em Direito pela URI/RS. Licenciada em Pedagogia pela FECS. Docente na UFFS. Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS. E-mail: sandra.nogueira@uffs.edu.br.

reconhecê-las como construções históricas e políticas, atravessadas por regimes de poder que direcionam o ordenamento dos modelos de perceber, sentir, desejar e se relacionar (Núñez, 2023). Ao favorecer explicações unicamente centradas no indivíduo, corre-se o risco de tornar naturais formas de sofrimento que ocorrem, em grande medida, como consequência de um tipo de racionalidade que captura os afetos e normatiza as maneiras de se relacionar (Birman, 2016).

Considerando esse contexto, denota-se que a colonialidade dos afetos (Núñez, 2023) tem potencial relação com esse mal-estar, à medida que normatiza formas de amar, desejar e se relacionar que debilitam a alteridade e transformam o outro em objeto de consumo, desempenho e até de ameaça. Sendo assim, o objetivo do presente estudo é discutir como a colonialidade dos afetos pode apresentar relação com o mal-estar na contemporaneidade.

No intuito de atingir o objetivo proposto, empregou-se uma metodologia qualitativa, do tipo descritiva, tendo como técnica de coleta de dados a bibliográfica e documental. A análise dos dados advindos ocorreu a partir da articulação crítica dos conceitos e discussões levantadas pelos autores estudados.

Este escrito possui aderência com Encuentro Internacional de Integración de Posgrado (EIPOS), ao propor uma reflexão crítica sobre as formas contemporâneas de sofrimento subjetivo a partir da colonialidade dos afetos, um tema que conecta saberes das Ciências Humanas e Sociais e dialoga com implicações ético-políticas e culturais. De tal maneira, a participação neste encontro tem potencial de contribuição para ampliação do escopo de debate crítico sobre os modos de produção de subjetividade e vínculos, fomentando trocas que potencializam a internacionalização e a cooperação científica entre pesquisadores.

RESULTADOS, AVANÇOS E REFLEXÕES

Na atualidade, tem sido frequentemente observada a hegemonia do paradigma moderno-colonial na produção de conhecimento e, inclusive, na regulação dos modos de vida e de relacionamento (Núñez, 2023). Segundo Dussel (1993), a colonização é inerente ao processo de modernização, e traz consigo a ideia da expansão e da conquista territorial. Com isso, a denominação colonialismo faz alusão às formas de exercer o poder ou a violência por um centro que subjuga e instrumentaliza comunidades socioculturais distintas de si. Dessa maneira, percebe-se que a modernidade passa a ser

concebida além de um período histórico, mas sim como um projeto civilizatório que é retroalimentado pela colonialidade do poder, do saber e do ser (Quijano, 2005).

Esse projeto, além de produzir hierarquias raciais, econômicas e epistêmicas, também suscitou estruturas normativas de subjetivação e de ordenamento dos afetos. O conjunto composto pelo amor, pelo desejo, pelo cuidado e pelos vínculos foi de maneira gradual sendo inscritos e padronizados em lógicas racionais e controladas alinhadas aos valores da autonomia individual, da produtividade, da propriedade e da utilidade (Núñez, 2023).

Da mesma forma que a colonialidade em geral, a colonialidade dos afetos opera como um dispositivo que regula o que, de que forma e por quem algo pode ser sentido, assim como seus modos, condições e consequências (Maldonado-Torres, 2020). Nessa lógica, algumas formas de amor, de cuidado e de pertencimento foram sendo historicamente legitimadas e corroboradas, ao passo que outras foram sendo desqualificadas, silenciadas e inseridas em categorias patológicas, no sentido de torná-las detectáveis como erradas, feias e indignas. Também é perceptível que a experiência afetiva moderna divulga amplamente a promessa de liberdade de escolha, porém paradoxalmente produz relações padronizadas de forma mecânica, marcadas pela precariedade, pela substituíbilidade e pela não aceitação das diferenças, transformando o outro em um tipo de objeto passível de ser consumido, dominado, manipulado ou ainda de representar ameaças (Núñez, 2023).

Desta maneira, forma-se uma espécie de regime afetivo padrão, que serve de modelo normativo a todos e que se liga ao mal-estar contemporâneo uma vez que se manifesta por intermédio das experiências de solidão, esgotamento, ansiedade e dificuldade de sustentação dos vínculos (Birman, 2016). Mesmo que esses sofrimentos adquiram meios de expressão variáveis e singulares, revelam a face de uma matriz comum que advém da fragilização do laço social em um cenário que privilegia a lógica individualista e competitiva, no qual cada um vive por si próprio e os demais se tornam ameaças (Dunker, 2015).

Sendo assim, os modos de sofrimento não podem ser abarcados meramente como processos intrapsíquicos, mas precisam considerar os modos históricos que ditam as maneiras subjetivas de se relacionar, amar e lidar com a alteridade, marcadas e conduzidas pela colonialidade. A noção de descolonizar os afetos, proposta por Núñez

(2023), requer o questionamento dos protótipos de amor e vínculos herdados e reproduzidos da modernidade colonial, permitindo surgirem outras formas de encontro, relação e pertencimento que possam reinstalar a dimensão do respeito à diferença e a liberdade no centro da experiência social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROJEÇÕES

O presente escrito pretendeu estabelecer relação entre a colonialidade dos afetos e o mal-estar contemporâneo. Ao se desprender de leituras individualizantes do sofrimento psíquico, restou evidente que experiências como solidão, esgotamento e não pertencimento se inscrevem em uma lógica coletiva afetiva atravessada pela lógica colonial, a qual sempre almejou a normatização dos vínculos conforme os modelos colonizadores e o enfraquecimento da alteridade. A partir do percurso desse estudo, foi possível identificar que diversas manifestações patológicas psíquicas não se explicam exclusivamente por meio de dinâmicas individuais, mas encontram raízes em formas historicamente produzidas de organização dos afetos.

Como contribuição central, este escrito propõe a noção de colonialidade dos afetos como relacionada diretamente com a experiência de mal-estar na contemporaneidade e influente na fragilização do laço social. Ao deslocar o foco das explicações individuais para sugerir uma leitura histórico-política dos modos de vinculação, a produção amplia o escopo de compreensão do sofrimento psíquico e torna evidentes seus encadeamentos com estruturas coloniais vigentes atualmente. A possibilidade de abrir espaço para outras formas de socialização constitui uma aposta ética e política no advento de novas maneiras de fazer laço social.

Defende-se, desse modo, que descolonizar os afetos não demanda a formulação de novos modelos normativos de se relacionar. Pelo contrário, reivindica a abertura de um campo crítico e ético de experimentação dos vínculos. Reconhecer os afetos como práticas políticas permite a reinvenção dos modos de existir e estar com os outros.

Financiamento: Agradecimento ao programa de bolsas DS/Capes.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade:** a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DUSSEL, Enrique. **1492 - o encobrimento do outro:** a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt. Petrópolis: Vozes, 1993.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma:** uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADOTORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos:** experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.